



CADERNO DE

pOEsIAS

V Prêmio Arthur Bispo do Rosário



Conselho Regional
de Psicologia SP

CADERNO DE

pOEsIAS

V Prêmio Arthur Bispo do Rosário



Conselho Regional
de Psicologia SP

a pReSEnTação

Em Autopsicografia, Fernando Pessoa dizia que todo poeta é um fingidor. Misturando ficção e realidade, a poesia, para o poeta português, transcende os elementos existenciais. Esta publicação, que ora o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP SP está lançando, revela dez desses “fingidores”.

Talentosos na arte de brincar com as palavras e combiná-las como verdadeiras fórmulas químicas, puderam expressar no papel suas dores, angústias, paixões, sentimentos, até então guardados no coração. Fizeram de suas produções, agradáveis leituras, sem a obrigação de seguir as rígidas normas literárias do fazer poético.

Em comum, além da veia artística, é o fato de que, em algum momento da vida, utilizaram direta ou indiretamente serviços de Saúde Mental, principal critério para a participação do concurso artístico V Prêmio Arthur Bispo do Rosário, realizado pelo CRP SP em 2009.

Que os trabalhos aqui apresentados sirvam de inspiração para que outros poetas anônimos também verbalizem os sentimentos e divulguem seus trabalhos. No melhor estilo Fernando Pessoa.

Jurados: Lourival Sodré, Rodrigo de Moraes

SumÁRIO

- 4 NÔMADE DE MIM MESMO OU MÁ SOLIDÃO (1º lugar)
Avelino José Afonso, São Paulo
- 5 O DOPPELGANGER (2º lugar)
Kauê Magni Horta, Santos
- 8 SERIO...JAPARATUBA (3º lugar)
Silvio Medeiros, Campinas
- 9 ESTRADA (menção honrosa)
José Airto Aquino da Silva, Guarulhos
- 10 O DANÇARINO (TEOMANIUS) (menção honrosa)
Francisco Antonio Leite, Santos
- 11 O FANTASMA (menção honrosa)
Jairo Rodrigues Silva, São Paulo
- 12 ROTINA (menção honrosa)
José Luis Moraes Simonetti, São Paulo
- 13 UMA ALMA QUE UIVA AO LUAR (menção honrosa)
Cristiano Mendes de Camargo, São Paulo
- 14 O SEMEADOR DE SONHOS (menção honrosa)
Renné Veríssimo Corrêa, São José dos Campos
- 15 ALVEJAR (menção honrosa)
Eduardo Pereira, Mauá

NÔMADE DE MIM MESMO OU MÁ SOLIDÃO

Avelino José Afonso, São Paulo

1º lugar

ESTA SOLIDÃO É FORÇA VÃ VAZIA
PEITO PEDRA SEM CORAÇÃO
AMOR NA DOR DA RAZÃO
VÔMITO DIUTURNO NA PIA.

É BUSCAR NO OUTRO DO OUTRO
O OUTRO
DENTRO DA GENTE
É INGENTE
O SEJA ASSIM
UM EU SEM MIM.

ESPELHO QUEBRADO DENTRO DO OLHO
CARINHO E SEXUALIDADE
AMIZADE E VONTADE
TODAS NO FERROLHO.

É TUDO EM TODOS PRESO
É NADA EM MIM SOLTO,
ESTA SOLIDÃO
É SIMPLEMENTE UMA NOITE
DENTRO DE OUTRA NOITE
DE OUTRA NOITE
SEM SINGELA MANHÃ
QUE NUM AFÃ AS AÇOITE.

EMOÇÕES GEOMETRICAMENTE CRUÉIS
DESEPERO DAS HORAS SEM CHEIRO
PALADAR DE TODOS OS FÉIS

ANSIEDADE MEDICAMENTADA
PORÉM ATIVA
ALTIVA BELEZA RECLUSA
OFERTA COM ALMA DE RECUSA
MORTE DE TODAS AS MUSAS.

FERIDA INCONDICIONAL
QUE NUNCA CICATRIZA
MAS TAMBÉM NÃO SANGRA
SAUDADE E SUICÍDIO
NUM MESMO TEMPO VERBAL
CIRCUNSTÂNCIA PAGÃ
INFANTIL E TEMPORAL
ANGÚSTIAS, TRISTEZAS E ALEGRIAS
PENDURADAS NUM VAGO E SÓ VARAL

ANTÍDOTO PARA NENHUM VENENO
ILUSÃO DE UM DIA PEQUENO
QUANDO GRANDE É O MINUTO
OU A CULPA DE UM SEU FRAGMENTO.

E O QUE HÁ DE NOVO DISTO HUMANO
NESTE TUDO ERMO
DESTE NADA
DESTINADO À ALMA
QUANDO FICA SEM MORADA?

O DOPPELGANGER

Kauê Magni Horta, Santos

2º lugar

Ano passado gastei seis meses participando do que, como fui informado na data, tratava-se de um experimento psicológico. Encontrei esse anúncio no meu jornal local procurando por pessoas com boa imaginação e criatividade e com vontade de fazer dinheiro fácil. Era algo para o qual eu me sentia qualificado. Telefonei para o número e marcamos uma entrevista

Disseram-me que tudo que eu precisaria fazer seria ficar numa sala, sozinho, com sensores conectados em minha testa para ler minha atividade cerebral durante o processo. Enquanto estivesse lá, eu deveria tentar visualizar uma imagem de mim mesmo. Os pesquisadores do laboratório referiam-se a este sócia como “doppel” ou “símile”.

Parecia bem fácil. Concordei em participar da pesquisa assim que me informaram quanto me pagariam pela colaboração. Lá estava eu no dia seguinte, num quarto simples com uma cama e sensores ligando minha cabeça a uma pequena caixa preta numa mesa ao meu lado. Eles me aconselharam que, se durante as tentativas de visualizar meu “doppel” eu me sentisse entediado ou inquieto, eu não deveria me mover e, sim, imaginar meu sócia movendo-se em meu lugar, ou tentar interagir com ele. A ideia era tentar imaginá-lo ali durante todo o tempo que eu passasse dentro da sala.

Senti dificuldade nos primeiros dias, após imaginar meu sócia por alguns minutos, a tarefa se tornava chata e entediante, eu começava a me distrair. Após quatro dias, eu já havia pegado o jeito, e conseguia manter meu símile ali pelas seis horas inteiras do experimento. Os pesquisadores, satisfeitos, diziam que eu estava me saindo muito bem.

Na segunda semana me deram um quarto diferente, com alto-falantes nas paredes. Disseram-me que queriam ver se eu era capaz de manter meu doppel ali mesmo perante um estímulo distrativo. A “música”, se podemos chamá-la assim, era dissonante, feia, inquietante, cheia de chiados de estática, retorno e vozes guturais falando em alguma linguagem estrangeira. Não tive problemas, eu já estava me tornando um imaginador profissional.

Depois de um mês, eu me sentia um pouco entediado. Para me distrair, passei a interagir com meu doppel. Nós conversávamos, jogávamos “pedra-papel-e-tesoura”, ou eu o imaginava fazendo malabarismo e dançando para me distrair.

Brincávamos e nos comunicávamos, e foi divertido por um tempo. Certa vez, porém, as coisas ficaram um pouco estranhas. Eu estava contando-lhe sobre meu primeiro encontro, e ele me corrigiu. Eu disse que a garota usava na ocasião uma blusa amarela, e ele disse que a blusa era verde. Revirei minhas memórias e percebi que ele estava certo, a blusa era, de fato, verde. Isso me deixou um pouco assustado. Procurei um dos pesquisadores depois do turno para contar-lhe a respeito. “Você está usando seu doppel para acessar seu subconsciente”, ele explicou. “Em algum nível de seu cérebro, você sabia que estava errado, e seu subconsciente lhe corrigiu.

O que havia me assustado agora me deixava bastante admirado. Eu podia conversar com meu subconsciente! Levou um pouco de prática, mas eu descobri que podia acessar diversas de minhas memórias através de meu sócia. Eu podia fazer-lo citar páginas inteiras de livros que eu havia lido no passado, ou coisas que eu pensava haver esquecido logo após o ensino médio. Era fantástico.

Foi então que passei a “chamar” meu doppel fora do laboratório de pesquisas também. Ele era como uma companhia invisível, sempre ali para me auxiliar. O melhor é que eu podia me comunicar com ele de forma não verbal, e pedir ajuda para contornar situações complicadas.

Eu comecei a me isolar um pouco do mundo nesse ponto. Eu estava tendo problemas para me relacionar com as outras pessoas. Todos pareciam confusos e inseguros sobre si mesmos, ao passo que eu tinha total ciência sobre meu eu. Eu sentia que as pessoas ao meu redor não sabiam o que as movia, e viviam quase que às cegas por não conhecerem a si mesmas.

Um amigo me confrontou uma noite. Ele bateu na minha porta, gritando quando o atendi. “Caralho, por onde você andou? Estou te ligando há semanas, cara! Que porra está acontecendo com você?”

Eu já ia me desculpar, e provavelmente convidá-lo para dar um pulo em algum barzinho naquela noite, mas meu doppel subitamente ficou furioso. “Bata nele”, disse meu sócia, e antes que eu percebesse o que estava fazendo já havia derrubado meu amigo no chão. Ouvi seu nariz quebrar quando meu punho acertou seu rosto. Uma poça de sangue decorava a entrada de meu apartamento.

A polícia estava lá alguns minutos depois. Consegui me safar dizendo que reagi em legítima defesa, que meu amigo havia iniciado o confronto. Como meu amigo não estava em condição de fazer objeções, os policiais me deixaram ir embora após recolher alguns dados e números de documento. Meu doppel sorria macabramente o tempo inteiro. Passamos a noite conversando sobre minha “vitória”.

Foi na manhã seguinte, olhando-me no espelho, que lembrei porque fiz aquilo. Foi meu sócia quem se enfureceu, e não eu. Agora eu me sentia culpado e envergonhado. Meu doppel estava comigo, é claro, e sabia de meus pensamentos. Ele me disse que aquilo era besteira. “Você não precisa mais de seus amigos. Você não precisa de mais ninguém.” Senti arrepios.

Tentei explicar a situação para os pesquisadores, mas eles fizeram pouco caso. “Você não pode estar assustado de algo que existe na sua imaginação”, disse um deles. Meu sócia estava do lado dele, concordando com a cabeça e sorrindo para mim.

Tentei manter em minha cabeça as palavras do pesquisador, mas eu estava me sentindo cada vez mais ansioso e assustado em relação ao meu doppel. Ele parecia maior e mais assustador a cada dia que passava. Seus olhos tinham um brilho estranho. Seu sorriso era cheio de malícia. Aquela pesquisa não valia a pena. Se ele estava fora de controle, eu iria destruí-lo. Eu estava tão acostumado a ele que visualizá-lo havia se tornado algo automático para mim, então tive que me esforçar o máximo possível para não vê-lo. Levou alguns dias, mas começou a funcionar. Eu conseguia me livrar dele por algumas horas quando me esforçava, mas toda vez que ele voltava, parecia pior. Sua pele estava cinzenta, seus dentes pontiagudos. Ele sussurrava, murmurava coisas sem sentido, ameaçava, xingava. A música dissonante que eu ouvia há meses no laboratório parecia acompanhá-lo sempre. Em casa, eu tentava relaxar e descansar um pouco, sem me concentrar mais em não vê-lo, e então ele surgia, olhando tenebrosamente para mim.

Eu ainda frequentava o laboratório de pesquisas. Eu precisava do dinheiro, e achei que os pesquisadores não perceberiam meus problemas com meu doppel. Eu estava errado. Um dia, depois do meu turno, dois homens enormes me agarraram e me arrastaram até uma sala, onde um homem num jaleco espetou uma seringa em meu pescoço.

Acordei de meu estupor na sala onde passava meu tempo no laboratório, amarrado à cama, a música explodindo dos alto-falantes, meu doppel de pé à minha frente, olhando fixamente. Ele já estava muito mais alto que eu, seus olhos tornaram-se totalmente pretos. Suas unhas mais pareciam garras.

Os homens de jaleco nunca falavam comigo. Eu implorava, gritava, exigia respostas, mas eles nunca falavam comigo.

As semanas que se seguiram foram terríveis. Com uma certa regularidade algum dos homens de jaleco vinha ao meu quarto para me dar mais uma picada, ou forçar-me uma pílula goela abaixo. Minha duplicata macabra continuava ali, zombando de mim, me fazendo alucinar. Uma vez alucinei que minha mãe estava comigo, me confortando, e então ele a agarrou e cortou sua garganta, fazendo o sangue de sua jugular espirrar em meu rosto. A alucinação foi tão real que eu pude sentir o gosto do sangue em minha boca.

Um dia, enquanto explicava a mim as maneiras que usaria para estripar todos aqueles que amo, começando com minha irmã, ele fez uma pausa repentina. “A imaginação tem poder de criação”, disse ele, e então saiu pela porta do quarto.

Três horas depois, mais uma injeção. Desmaiei. Ao acordar, encontrei as correntes que me atavam quebradas. Tremendo, percorri a distância até a porta e descobri que estava destrancada. Caminhei para o corredor vazio, e então passei a correr. Tropecei mais de uma vez, mas consegui descer as escadarias e chegar ao estacionamento atrás do prédio. Ali desmaiei, chorando como uma criança.

Eventualmente cheguei em casa, não me recordo como. Tranquei a porta apressado e arrastei o sofá para frente dela. Tomei uma longa ducha. Dormi por um dia e meio sem acordar por um segundo. Ninguém veio me procurar pela noite, e ninguém veio no dia seguinte, nem no próximo. Havia acabado. Eu havia passado uma semana trancado naquele laboratório, mas para mim pareceu uma eternidade. Eu havia me isolado tanto dos outros anteriormente que ninguém chegou a perceber que eu estava desaparecido.

A polícia nada descobriu. O centro de pesquisas estava vazio quando o revistaram. Os nomes que eu havia dado não passavam de identidades falsas. Até mesmo o dinheiro que eu recebi parecia não poder ser rastreado.

Eu me recuperei na medida do possível. Tento não sair muito de casa, e tenho ataques de pânico quando o faço. Choro muito. Não consigo dormir por muito tempo, meus pesadelos são horríveis. Acabou, tento me convencer, sobrevivi. Tento usar a concentração que aqueles filhos da puta me ensinaram para convencer a mim mesmo de que tudo está bem agora. Funciona... algumas vezes... não hoje. Três dias atrás recebi um telefonema desesperado de minha mãe. Ocorreria uma tragédia. Minha irmã era a vítima mais recente de uma série de assassinatos misteriosos que vinham acontecendo nos últimos dias. O assassino torturava suas vítimas, e então as estripava.

O funeral foi nessa tarde. Foi tão amável quanto pode ser um funeral, suponho. Eu, porém, estava um pouco distraído. Tudo que eu podia ouvir era uma música vindo de algum lugar distante. Dissonante, inquietada, algo como um chiado de estática, vozes distorcidas.

Eu ainda estou ouvindo... um pouco mais alto agora.

SERIO...JAPARATUBA

Silvio Medeiros, Campinas

3º lugar

Ó Xerife do Sergipe!

A rosa rubro-negra bordada em cetins descoloridos, em meio aos Veleiros, flutua bailarina nas correntezas do Rio de tristes janeiros.

Ó Arthur, ó Urso Grande,

ó vigilante das constelações boreais!

Canecas, Sandálias e Peneiras,

e o construtor de arquiteturas da sujidade mundana

ordena o inventário do mundo para levar a Deus.

E ruge o Urso do Norte!

Vidro, corda, prego, plástico, lata, *Serio*... Japarutuba, a fé no bendito São Benedito, o Rio,

Polaris, do Norte, a Terra, o Kosmos e o combate entre o Divino e o Profano: rumor surdo, diálogo dos destinos desfiando num deslumbrante desfile de linhas as cores dos uniformes e dos lençóis.

Girassóis, sóis, Light, Marinha de Guerra do Brasil do Norte! Nortistartista das Vinte Garrafas

Vinte Conteúdos, obra inscrita no diário divino-rosa... rosário... rio de cento e sessenta e cinco

contas, conchas dos mares da Roda da Fortuna.

Xerife, lugar-tenente dos deuses!

A Colônia é santuário do Rosário,

entre ânsias e distâncias,

o Bispo impaciente

ora entre os pacientes no Planeta Paraíso dos Homens:

São Cristóvão, rogai por nós!

Noutros tempos, tantos anos, outras datas,

e o colecionador enxadrista caminha vagaroso, e lapida, cuidadosamente, em pedra, em

mármore e em lata, o calendário Juliano. E assim, eis a data:

A Festa de Santos Reis, de Tudo Aquilo que se Manifesta!

Pregos, fôrmicas, arames, fios, tecidos... na luta mortal entre o significado

e o infante errante é

tecido rente a tantos nós o Muro no Fundo da Minha Casa.

Asa, asas, mirem o porte do profano Carrossel francês

alçado ao Divino por um dossel tecido em rosas, brilhante rosário das

quinze Ave-Marias e dos quinze Padre-Nossos...

“prega per noi,

prega per noi,

prega,

Ave-Maria! Nell’ora della morte, ave”!

Ó Xerife do Sergipe,

ao representante da Macumba

a mais bela tumba!

Agora és Rei, em meio às estrelas!

És chuva de Confetes.

Ó Abatjour do Templo do Kaos!

És estandarte adornado com o Manto da Apresentação.

Eis, enfim, a Sagração do Bispo do Norte.

ESTRADA

menção honrosa

José Airto Aquino da Silva, Guarulhos

I

Ah, longa estrada. Tu me trouxeste até aqui.

Em ti tanto procurei. Por ti tanto me perdi.

Por que tão má tens que ser roubando os outros assim?

Eu só queria saber. Estrada, conta pra mim:

II

Quantas pessoas já levaste pra incerteza e pra saudade?

Quantos amores já mataste? quantos sonhos...? Que maldade!

Por tua causa agente sofre. Quanto pranto é derramado!

Poucos são os que têm sorte, quando por ti é tomado, de encontrar uma saída

Desse labirinto, diga: por que me deixas cansado?

III

Tão imensa e só me leva a nada. Tão imóvel que me irrita.

A solidão que em ti habita me dá medo e me arreventa.

Teu esplendor não mais me tenta, pois já sei que é ilusão.

Só maltrata coração. O que vai, e o que fica.

IV

Levaste minhas esperanças e me deste esta saudade.

Só tenho agora lembranças do que foi felicidade.

Faz tanto tempo... nem me lembro. Já me fizeste esquecer.

Tu és amiga do tempo? O que é que eu fiz pra você?

Estou pedindo a você, não sejas tão má assim.

Pra que eu possa viver leve-me de volta a mim.

O DANÇARINO (TEOMANIUS)

Francisco Antonio Leite, Santos

menção honrosa

Chegou um dia, do não-tempo, o Senhor Deus - o Divino, o Criador, o UM, Padre Eterno, Olorum, Alá, Brahman, Jeová, Buda, Krishnamurti, Tupã, o Todo-Poderoso - resolveu dar uma olhadinha, pessoalmente (em carne e osso!), em que pé andava a re-evolução de sua obra-prima.
Veio, viu e ... tem coisas que até Deus duvida...
Sentiu as vibrações, almas, consciências.
Assuntou aqui e acolá...
Ensaiou passos, ali e além...
Foi soprando convites em ouvidos vários, para aquela dança...
Inspecionou seus batalhões e sorriu.
Pediu - entre lágrimalégres e astuciosolhares - melodias e ritmos harmoniosos, ensandecidos, lentacelerantes...
E pôs-se a dançar, bailar; sempre sorrindo.
Em sua divina coreografia, improvisada quanto possível, roçava saias, mãos (firmes, frias, trêmulas, suaves, suadas, calejadas, decididas, hesitantes), arestas, pelos cabelos, barbas, plexos, pélvis, corpos (frígidos a ardentes, febris), mentes (pétreas a etéreas, evanescentes), corações (ínfimos a imensos... imensuráveis). A todos convocava com seu olhar de AMOR eterninfinito:

- Dance whith me!!!

...

Do you wanna dance? Baila comigo???
dance

d

a

n

c

e

.

..

...
???

!!!

... e a ciranda assim andou, coco maxixe maracatu; sambaião bolero valsa; reggae rock tango frevo; classicontemporâneo hip hop tribal.

...

O passista, com seus passos mágicos - passes de mágica...
Rompendo o véu de Maya, desfazendo a Samsara, revelando a alma de Gaya.
Sem marola, sem alarme.
Placidamente, em seu Perfeito Juízo...

Enfim, chegaria ao fim o dio-dia de número 6.

No 7, descansaremos.

Em paz...

Para sempre sem
fim.

O FANTASMA

menção honrosa

Jairo Rodrigues Silva, São Paulo

A vida não tem segredos
O pós-morte é um mistério
Desbravo esta verdade
Em meu lar, o sombrio cemitério

Morrer,
É consumir-se no pó
Da funérea sepultura
E estar só

Fantasma sou
Da cidade dos mortos
Vago triste entre as cruzes
E me esbarro nas ossadas

Tenho por amigo o coveiro
As lembranças, pior que a morte
Se tento voltar ao morno ninho
Olhar de perto, meu triste filhinho...

...Sofro mais do que em vida
O céu não me deu guarida
Pago os meus pecados,
Sendo morto-vivo, entre as ossadas.

ROTINA

menção honrosa José Luis Moraes Simonetti, São Paulo

Na rumba lambante, a porta-bandeira é mestra:
mostrando às cabrochas de coxas roliças
que breque, no samba, é coisa de bamba.

Turbante encimado no coque singelo
desfaz em instantes a ginga do gringo
que brinca de porre, sorrindo amarelo.

Por trás, sai da turma boneco insolente.
Fingindo parceira, na mão, canivete:
pescoço sangrando, danado o gilete...

Carteira vazia, em cima do moço insinua “vendetta”.

A nua menina, ao lado do estranho,
expõe entre as pernas um monte de notas verdinhas qual ela,
tentando a limpeza da virgem pureza
que o loiro safado, aqui degolado,
roubou, modo cínico, àquela crioula.

Que, não mais donzela,
perdeu, pela vida, vontade de amar...

Porém, lá no morro, esquece do mundo,
batuque vai fundo em toques de amor:
nas coxas, requebros;
nos seios, pudores;
nas mãos, vãos acenos;
coração, só dor!

UMA ALMA QUE UIVA AO LUAR

menção honrosa Cristiano Mendes de Camargo, São Paulo

Sou como um lobo,
Um lobo solitário que uiva ao luar...
Meu coração toca no saxofone,
Uma triste melodia...

Minha alma uiva ao luar
Meu coração é um lobo solitário,
De coração pesaroso,
Desgarrado do bando,
Solidão...
E o saxofone continua a tocar...

Toca notas agudas, roucas e tocantes
Tocando solo,
Como minha alma que se expressa!

Ao sax se junta uma guitarra agora,
Que grita cortantemente,
Como uma navalha,
Estraçalhando um coração,
Vazio de sentido
E cheio de compaixão !

Um anjo solta a voz
Uma melancólica soprano,
Uma voz poderosa ecoa na densa bruma da noite escura e fria,
Fria como o coração solitário do lobo,
Que uiva ao luar,
Com o mesmo exaspero que a minha alma !

Uivo, sax, guitarra, voz angelical,
Uma canção profunda e tocante e triste,

Agora é a vez do violino,
Que despeja notas qual lágrimas,
Ao vento gelado que as leva ao esquecimento,
Mas as leva com seu tom agudo e navalhino,
Ao lago profundo,
Que espelha a figura triste da mágoa da solidão!

Uma expressão comovente,
Um desabafo,
Todos estão chorando,
Sax, guitarra, violino, o lobo e o Anjo
Para a lua cheia bela e brilhante,
E um belíssimo coro agora coroa
E ecoa,
Minha alma solitária e vazia,
Que lamenta a dor suprema e profunda,
De não ter ninguém ao meu lado

O SEMEADOR DE SONHOS

Renné Veríssimo Corrêa, São José dos Campos

menção honrosa

Não tinha a sensação de tenra solidão sob passos noturnos lentos, longos, soltos e brandos de um andejo, com minha suspensa noção fulgida do tempo que paira silenciosamente dentro da escuridão da noite.

Com ar penetrante e volátil, minha respiração sufoca o som estonteante e fremitante das árvores que esquecem uma leve companhia ao luar. E em tom de preguiça e sem nenhum arquejo, minha presença penumbra-se diante da sorte que furtivamente surge do desconhecido e, interpelado pela minha percepção de provocante desvario, aguça intensamente o brilho das estrelas.

O soturno me revelou que a resposta pode causar o abrigo de uma ofegante certeza que cresce ferozmente com o latejar pulsante de um lugarejo algures, exótico por excelência, que acompanha o ritmo frenético que a noite ao seu desfalque agora pode se enredar!

Através do lampejo de um fundo oco, fosco e flamejante que esconde uma ideia, rapidamente um misterioso e preciso toque me leva em direção à cumplicidade de se saber despertar um movimento selvagem em unísono com o tempestivo vento! Assim caminho sem pensar em nada... Apenas gélido pela constância ideal, que antes de me afligir me encontra a distinguir no imenso espaço dos astros, me alçando para a própria mente, próxima ao voo da tripulação da espaçonave.

Então tocado por dúvidas salientes trazidas pelo flerte com a lua cheia que me faz refletir a sua espevitada e áurea luz, que me inunda e me banha como um mar prateado.

O insondável vazio e o existir sem fim brotam da auréola do ser inteligente que solerte, não existindo do seu próprio lado, eu, sozinho, deixo o infinito falar de si neste silêncio sombrio que me faz enlevar este que, por acaso, me ilumina com a altivez máxima que minha direção tomou por vez nesta rebelião!

O crepúsculo dos deuses!

E no claro som fulgurante desse mais novo dia digno de contemplação, o mar arrefecido ferveu-se; as estrelas deixaram o céu, as nuvens subiram mais alto e, em espalhados momentos enfeitados de harmonia, deixaram minha alma em volta calidamente em áurea de fogo. E nesse jardim colorido e expansivo que se relevou o meu passeio mágico, conteve o centro secreto de um sonho que de tão favorável “desdobra-se” na mais profunda aurora do total amanhecer. Continuando oculto. Nem me lembro mais de ter me dado um derradeiro mergulho no extraordinário e incerto, por bem, transbordando de alguma felicidade, extremamente consagro o sol ao mar para então formar a imagem luzida do eterno, e em plenas paisagens que partem dessa “sagrada” união; constante, metódica e revoltada pela mescla nesse mundo que me deixa sobrenaturalmente bêbado, vívido e equilibrado...

“Não deixei que meus sonhos fossem destruídos pelo tempo.”

Vou tentar tirar
as palavras em vão
Para que não ocupem o lugar
de tantas outras que podem ser.

A chuva deste domingo
ainda não sensibiliza
meu coração
Mas até suas gotas
me farão
Crescer.

ALVEJAR

Eduardo Pereira, Mauá

menção honrosa

